



RE-TRATO FEMININO

FEMININE RE-TRACT

Maria de Fátima Gonzaga¹

RESUMO

O figurar artístico e o figurar não artístico do corpo feminino precede a história da arte: é cultural, social, histórico. Está presente seja apresentado na obra ou demonstrado no artista que a produziu. Esse artigo propõe um passeio pela história da arte evidenciando o papel do artista e da obra no que diz respeito ao feminino. De Coubert (1817-1877) a Del Santo (1925-1999) a arte moderna traz o feminino de forma mais aparente, mais evidente do que a apresentada em outros períodos de produção artística e o faz por meio de uma abordagem que valoriza a sensualidade intrínseca. Acredito ser pertinente falar sobre o tema, visto que trata e retrata o feminino em nuances que abrem discussões e reflexões sobre sua apresentação, representação e importância. Para a elaboração dessa comunicação farei uso de revisão bibliográfica, referências como artigos, reportagens, entrevistas de artistas e textos literários.

PALAVRAS-CHAVE

Feminino; Lugar; Mulher; Obra; Olhar.

ABSTRACT

Artistic and non-artistic figuration of the female body precedes the history of art: it is cultural, social, historical. It is presented in the works or demonstrated by the artist who produced it. This article proposes a walk through the history of art highlighting the role of the artist and the work which regard to the feminine. From Coubert(1817-1877) to Del Santo(1925-1999) modern art brings the feminine more apparent, more evident than that presented in other periods of artistic production and does so through an approach that values sensuality intrinsic. I believe it is pertinent to talk about the subject, since it treats and portrays the feminine in nuances that open discussions and reflections on its presentation, representation and importance. For the elaboration of this communication I will make use of literature review, references such as articles, reports, interviews of artists and literary texts.

KEYWORDS

Feminine; Place; Woman; Work; Look.

O regime temporal que preside o cotidiano sofreu uma mutação desorientada nas últimas décadas. Isso alterou inteiramente a relação com o feminino, a ideia de futuro e a percepção da realidade e ofuscou a noção de gênero que permeia os conceitos e valores da sociedade.

¹ Maria de Fátima Gonzaga é administradora de empresas formação PUC/MG e artista plástica formada pela UFES/ES. Interessa-se pela arte moderna e contemporânea. Participante de seminários atua como ouvinte e comunicadora. Também faz parte do grupo de extensão em Prática e Processos da Pintura que se reúne na UFES. Em exposições individuais e coletivas mostra suas produções em pintura e serigrafia. Contato: mfatimagonza10@gmail.com.



Em nenhum momento da história o feminino foi tão violentado, desrespeitado e atacado moral, psicológica e fisicamente como nos dias atuais.

A figuração do corpo feminino elabora conteúdos que quando expostos perdem a conotação assustadora surpreendidos pela dimensão real e natural que possuem. O olhar, os ouvidos e sentidos se apropriam do feminino como gerador de vida para ser usado, lembrado e falado em prosa e verso.

A história é uma narrativa contada por alguém que vai falar da sua vivência, do seu país, da sua gente. Arte e conhecimento são atrelados. Na medida em que a arte simboliza, representa e apresenta assuntos excluídos possibilita o pensar e o refletir sobre eles. Com isso, os aspectos mistificadores, idealizadores e os devaneios fantasiosos que emergem dessa simbologia vêm à tona para clarificar seu significado real. A apreciação de uma obra insiste em estar vinculada aos valores do tempo e lugar de seu surgimento. O feminino está presente seja apresentado na obra ou demonstrado no artista que a produziu. O modo como o autor se ausenta é o que aparece na obra e deixa falar a linguagem. É no modo como o autor se afasta da obra que ele se faz ver. O corpo olha e sabe que é olhado. (Merleau-Ponty).

Desde os primórdios da civilização o homem figura o feminino utilizando-se de todas as formas possíveis de expressão. É na arte que ele consegue trazer à luz seus mais profundos sentimentos de modo a traduzir, mesmo sem intenção o que outros homens, reles mortais, tentam fazer. Toda obra de arte é fruto de um gesto e deriva diretamente do corpo. Figurar o corpo é percebê-lo como imagem. Falar da obra muito tempo depois e o que há nela não é novo. São desdobramentos, novas descobertas, novos olhares.

Nossos ancestrais já retratavam o feminino. Há cerca de 24 000 a.C. na pré-história encontramos registro de um fóssil da *Vênus de Willendorf* ou *Mulher de Willendorf*, feita em material calcário oólito. A escultura de 11,1 cm de altura foi descoberta em 1908, e hoje faz parte do acervo do Museu de História Natural de Viena, Áustria. Devido ao fato de o material avermelhado da rocha não ser típico da região onde foi encontrada a peça, estudiosos supõem que poderia ser um amuleto para carregar e uma representação da deusa da fertilidade pela forma robusta dos seios, quadris e ventre.



Nos séculos de I a XII temos as *Sheela-na-Gigs*, esculturas de mulheres nuas talhadas em pedra de forma provocativa que adornavam igrejas e castelos e outras edificações na Irlanda e Grã-Bretanha. Guardavam da morte e do mal e expressavam um pensamento coletivo, signos representativos da feminilidade. Em posição de parto numa alusão à fertilidade e à sabedoria, *Sheela na gig* é a forma irlandesa do nome normando *Cecile*, e 'gig' uma gíria inglesa para as partes íntimas da mulher.

Na idade antiga o usual era a representação do feminino em bustos e estátuas ligadas sempre a uma figura masculina. Destacam-se as imagens da Virgem Maria e Eva simbolizando a maternidade e o pecado. Na idade média as mulheres eram vistas como virgens e através da pintura e escultura como objetos de veneração. A sensualidade do corpo feminino e a idealização do corpo humano começa a ser vista como algo belo. A partir do Renascimento a iconografia adquire conotações mais mundanas. A obra *O Nascimento de Vênus* de Sandro Botticelli (1445-1510) é um ícone dessa representação.



Figura 1 - Sandro Botticelli. *O Nascimento de Vênus*, 1485-1486. Têmpera s/tela, 172,5cm x 278,5cm, Galleria degli Uffizi, Florença, Itália. Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/03/nascimento-de-venus.jpg>, acesso em 10.08.2019.

Nos finais dos séculos XV e XVI até o século XVIII a figura feminina de odaliscas e cortesãs aparecem como objetos estéticos de prazer ou consumo, a exemplo de *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci (1452-1519) e as madonas lindamente retratadas por Rafael Sanzio (1483-1520).



Figura 2 - Rafael Sanzio. As Três Graças, c.1504. Óleo sobre madeira, 17 x 17cm. Museu Condé Chantilly, França. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pinturas_de_Rafael, acesso em 11.08.2019.

No século XX a referência ao feminino de Gustav Klimt (1862-1918) é de uma abordagem simbolista e carregada de sensualidade e erotismo.

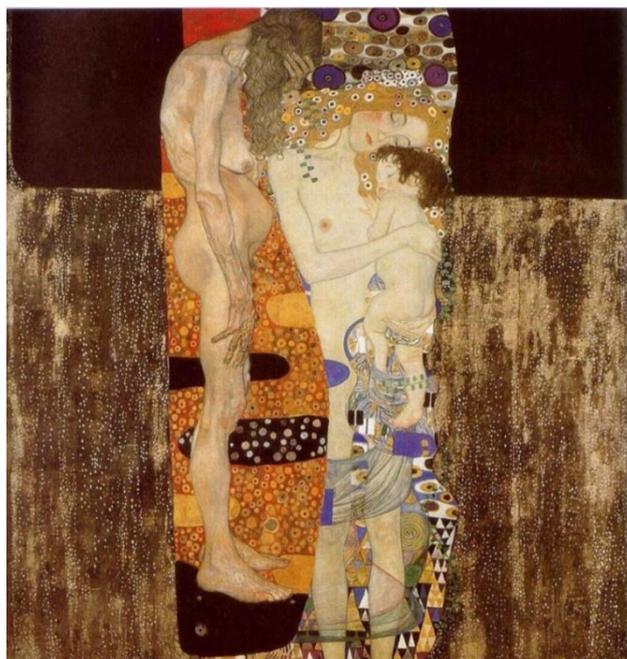


Figura 3 - Gustav Klimt. As Três Idades da Mulher, 1905. Óleo sobre tela, 180 x 180 cm. Galleria Nazionale d'Arte Moderna, Roma, Itália. Fonte: <https://arteartistas.com.br/as-tres-idades-da-mulher-gustav-klimt/>, acesso em 11.08.2019.



As principais características de sua criação são o estilo decorativo e uso de formas geométricas. Também trazia para a sua representação do feminino o brilho dourado e prateado nos materiais utilizados.

A arte moderna traz o órgão sexual feminino mais aparente, mais evidente abordando a sensualidade. Os modernistas não estão mais pintando as mulheres virtuosas. As figurações estão destituídas de nobreza, de virtude, da imagem simbólica, ideológica que a mulher traz ao longo da história e têm várias significações.

Avançando na evolução do feminino na história da arte e não enveredando para lugares muito distantes, temos o registro de uma história de representação do feminino que nos leva a refletir. Aconteceu no estado do Espírito Santo e tem como protagonista o artista plástico, gravador, serígrafo e poeta capixaba, nascido em Colatina, Dionísio Del Santo (1925-1999).

Del Santo mudou-se para o Rio de Janeiro em 1947, incentivado pelo também artista capixaba Alcebíades Ghiu que ajudou o conterrâneo a se integrar ao meio artístico. Em dezembro de 1948 retornou à sua cidade natal para visitar a família e atender ao convite para uma exposição no Clube Recreativo Colatinense que se deu em Janeiro do ano seguinte, onde compareceram autoridades e membros da sociedade local. Em meio aos 32 trabalhos expostos, com cores e tendências a subverter a visão naturalista das formas, simplificando-as e estilizando-as estavam retratos e caricaturas em aquarela e também constavam paisagens e nus femininos.

Porém, o entusiasmo e homenagens ao artista da terra para os colatinenses, habitantes de uma cidade distante da capital e culturalmente atrasada se transformaram em difamação, pois os nus femininos expostos por Del Santo causaram estranheza e intimidação entre a elite. Os membros retrógrados da igreja local aproveitaram-se dos momentos das missas e outros contatos para amaldiçoar o artista e dizer a todos para se afastar das pinturas que representavam o pecado, pois estas tinham a intenção de ofender as moças da cidade, apesar do recato das obras e do cuidado que teve o artista cobrindo com flores o seio e o sexo das pinturas de figuras femininas. Por essa razão criou-se um embate entre a imprensa e os padres da cidade que levou o artista a defender-se. Por meio de artigos enviados aos



jornais, Del Santo defendeu-se convidando as pessoas a conhecer sua arte e dizendo que não teve a intenção de provocar escândalo e sim de retratar as mulheres com naturalidade e mostrar seu trabalho. E discorreu sobre a função social do artista como produtor de novos conhecimentos e construções culturais. Não teve êxito, e a oportunidade de um debate sobre a arte e sua função na sociedade se perdeu.

Tudo isso, ao que parece provocou marcas profundas no artista. Ele teve que se retirar da cidade às escondidas, com a ajuda de amigos mais influentes. As obras foram destruídas pela população enfurecida, como lembram ainda algumas pessoas do lugar. Assim, Del Santo teve a certeza de que sua obra abstrata também não seria bem recebida em sua terra, o que o fez decidir nunca mais expor em sua terra natal. Mais de 20 anos depois, Del Santo retrata o feminino em obras de serigrafia cujo tema ele trata com a sensibilidade e respeito que sempre demonstrou.

Moça Regando Flores (fig.4) é a representação de uma mulher caracterizada e em cores vibrantes. O jogo de cores produz um efeito de profundidade e o azul em tom mais escuro do que o fundo evidencia uma silhueta feminina cujo braço direito segura um jarro marrom vertido sobre o vaso de flores. Essas se sobrepõem a um elevado em marrom sugerindo uma jardineira de onde as flores emergem dispostas sobre o fundo azul em tons de branco e amarelo e com caules e botões em cor verde. Interessante observar que todo o desenho é composto por linhas retas inclusive as flores. A exceção se aplica aos seios e cabeça da figura feminina que têm formas circulares e meio círculos assim como os botões das flores. Uma minúscula linha reta e precisa sugere o olho da mulher. Esta possui parte da cabeça em tom rosado e dá lugar ao marrom formando uma sombra que se destaca por linhas que além de mostrar o nariz, queixo e testa também definem o rosto.

Os desenhos de Del Santo são mais signos ou formas simbólicas do que representações da realidade, o que se pode ver pelas formas geometrizadas. O próprio artista diz que:

“As figuras humanas [...], são muito mais signos ou formas simbólicas do que representações realistas, têm sempre os olhos fechados representados por dois traços horizontais. Deste modo eu penso exprimir a visão interior muito mais do que representar a realidade externa (MORAIS, s/d, p.58).



Figura 4 - Dionísio Del Santo, Moça Regando Flores, 1970. Serigrafia 54 x 38,5 cm. Museu de Artes do Espírito Santo Dionísio Del Santo. Fonte: <https://maesmuseu.wixsite.com/maes/blank-cja3>, acesso 30.07.2018.

E arremata “não é a água o elemento que é vertido da ânfora ou do jarro que a mulher inclina, mas são fluidos do conhecimento intuitivo que é atribuído a aquário, meu signo solar de nascimento (MORAIS, s/d, p.60)”.

A representação do feminino de Del Santo prima pelo uso e abuso de linhas e formas geométricas, das cores fortes e chapadas.

A despeito do acontecimento lamentável ocorrido em sua cidade natal, Dionísio Del Santo esteve outras vezes no Espírito Santo: em 1976, para uma exposição na Galeria de Arte e Pesquisa da UFES. Em 1977 os artistas capixabas, professores e alunos participaram do curso de serigrafia no Centro de Artes da UFES, ministrado pelo artista cuja importância para a Universidade foi tamanha que mudou a grade curricular do Curso de Artes da UFES. Em 1980 fez uma mostra na Galeria Trópico e Lazer em Vitória. Na década de 90 participou de *workshops* e palestras na UFES e ministrou uma oficina de serigrafia no 5º Festival de Verão de Nova Almeida.



O artista realizou em dezembro de 1998 uma mostra retrospectiva de sua obra que inaugurou o Museu de Arte do Espírito Santo, instituição que levou seu nome. Del Santo adoeceu durante a montagem da exposição e veio a falecer em Vitória, alguns dias depois da inauguração da exposição no início do ano de 1999.

Outro país, outra cultura e a expressão artística do feminino feita pelo francês Gustave Courbet (1819-1877). Pintor realista, o artista se intitulava “Republicano por nascimento” e se proclamava “o homem mais rude e arrogante da França”. Comprometia-se a pintar só o que via. Dizia que pintaria anjos se os visse. Suas declarações eram socialmente ousadas como suas pinturas.

“L’Origine Du Monde”, pintada em 1866 retrata o tronco de uma mulher nua com as pernas abertas. Os seios podem ser entrevistados sob os lençóis. O artista destituiu a figuração de toda a idealização clássica ou romântica.



Figura 5 - Gustave Courbet. L’Origine Du Monde, 1866, óleo s/tela, 46 x 55 cm. Museu d’Orsay, Paris. http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=24&ordem=18, acesso em 29.07.19.

O quadro foi pintado para um diplomata turco Khalil-Bey em passagem por Paris, que era colecionador de arte erótica. Arruinado pelo jogo teve sua coleção leiloada.



Em 1889 foi encontrado em meio a outros quadros, embaixo de telas menos ousadas de um antiquário pelo escritor francês Edmond de Goncourt (1822-1896). Passou pelas mãos de um nobre húngaro em Budapeste e após a Segunda Grande Guerra foi trazido para Paris. Após pertencer a vários donos foi adquirido pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981). A obra foi mantida em sua casa de campo em Guitrancourt, e era exibida ritualisticamente a convidados. A hipótese é de que a modelo trata-se da irlandesa Joanna Hiffernan (1843-1904) que estaria envolvida afetivamente com o pintor na época da produção da obra.

A obra era tida como pornográfica até recente data. Em 2009, livros cujas capas o reproduziam foram confiscados pela polícia em Portugal e páginas do Facebook que o exibiam foram retiradas do ar em 2011. Surpreendentemente devido ao noticiário, sua imagem apareceu publicamente.

A polêmica em torno do tema não foi sobre a obra, suas qualidades pictóricas sendo arte de primeira grandeza e sim sobre a moral e os bons costumes. O quadro, vindo dos porões da pornografia para a consagração nos salões do Museu d'Orsay, mostra como a apreciação de uma obra está atrelada aos valores do tempo e lugar de seu surgimento. A obra "A Origem do Mundo" foi doada pela família de Jacques Lacan, após sua morte em 1981 e exposta publicamente pela primeira vez no Museu D'Orsay, onde se encontra nos dias atuais.

A obra de Coubert foi criada no século XIX e as obras de Del Santo a partir de 1947 quando o artista fixou residência no Rio de Janeiro. Como pode, quase quarenta anos depois, já no século XX a retratação do nu feminino de Dionísio Del Santo feita de maneira natural e realista causar tanta estranheza e impacto, a ponto de bloquear a mente da sociedade fechando as portas para um diálogo produtivo?

O retrato feminino troca sua roupagem com o passar do tempo. As mudanças de comportamento provocadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias levam a expressão artística a assumir novos formatos produzidos em mídias cada vez mais sofisticadas. Mas o feminino continua ocupando lugar de destaque desde as mesas de bar até as paredes cobiçadas das galerias e museus. Também segue sendo um tema falado e cantado por todas



as vozes. Inclusive na poesia do artista Gilberto Gil lembrando que todos os homens têm a sua “porção mulher”.

Referências

DEL SANTO, Dionísio. **Não é a temática que faz a arte.** Entrevista a Edvaldo dos Anjos, Vitória, Jornal “A Gazeta”, 28.11.1976.

GONZAGA, M. F. **Anotações em sala de aula da disciplina “O Corpo na Arte Contemporânea”.** Vitória: 2017.

INFO ESCOLA. **Mulher de Willendorf.** Disponível em <https://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>, acesso em 30.07.19.

LOPES, Almerinda da Silva. **Artes Plásticas do Espírito Santo 1940/1969:** Produção, Instituições, Ensino e Crítica. Vitória: EDUFES, 2012.

MESTRE DA PINTURA. **Evolução da Imagem da Mulher na História da Arte.** Disponível em <https://www.mestresdapintura.com.br/blog/evolucao-da-imagem-da-mulher-na-historia-da-arte/>, acesso em 30.07.19.

MORAIS, Frederico. Dionísio Del Santo, s/d. **Esboço do Livro não publicado encontrado na pasta do artista, localizado no arquivo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2007.**

NOCHIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro, autorizada pela autora. Risograph sobre offset 90gr/m2 no Publication Studio São Paulo, São Paulo: 2016. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/0B0haC9kx6GJLSDFBODJvV2VUSIE>, acesso em 24.07.2019.

TELLES, Sérgio. A Origem do Mundo, de Coubert. **Jornal “O Estado de São Paulo”:** 2013. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-origem-do-mundo-de-courbet-imp-9976>, acesso em 31.07.2019.